

EQUIDADE DE GÊNERO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Myllena Camargo de Oliveira¹
Angelita Alice Jaeger²

RESUMO

Objetivamos explorar as possibilidades em produzir práticas educativas alinhadas com a equidade de gênero na formação docente em Educação Física, sobretudo nas disciplinas de esportes coletivos. Realizamos uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória, que contou com a participação de 41 estudantes oriundos de 4 disciplinas de esportes coletivos de um curso de Licenciatura em Educação Física. As fontes de pesquisa foram produzidas a partir de grupos focais e entrevistas, ambas gravadas em um dispositivo digital e transcritas na íntegra. Utilizamos o software Nvivo 12 para organizar e categorizar o material para ser analisado e interpretado à luz do referencial teórico. Os resultados mostram diferentes possibilidades para produzir práticas educativas alinhadas à equidade de gênero, recrutando o engajamento da instituição, a reformulação curricular, a didática dos/as docentes formadores/as e a atuação dos/as futuros/as professores/as como dispositivos para elaborar saberes comprometidos com a equidade de gênero nas aulas. Ainda, os/as acadêmicos/as enunciam fragilidades na formação para produzir ações que promovam a equidade de gênero em suas futuras atuações profissionais, cenário que reafirma a necessidade de a formação docente ressignificar suas práticas educativas, metodologias e saberes de modo a questionar os cânones esportivos e arquitetar uma Educação Física que considere as múltiplas experiências e potencialize as aprendizagens de todos e todas.

Palavras-chave: Educação física; equidade de gênero; formação docente; prática educativa.

GENDER EQUITY IN THE TRAINING OF PHYSICAL EDUCATION TEACHERS

ABSTRACT

The aim of this study was to explore the possibilities of producing educational practices aligned with gender equity in the training of Physical Education teachers, especially in the team sports disciplines. Qualitative exploratory research was carried out, with the participation of 41 students from 4 team sports disciplines from a degree course in Physical Education. The research sources were produced from focus groups and interviews, both recorded on a digital device, transcribed in full. We use Nvivo 12 software to organize and categorize the material to be analyzed and interpreted considering the theoretical framework. The results indicate different possibilities to produce educational practices aligned with gender equity, relying on the engagement of the institution, curriculum reformulation, the didactics of the teacher trainers and the performance of the future teachers as devices to build a knowledge that is committed to gender equity in the classroom. Also, students enunciate weaknesses in training to produce actions that promote gender equality in their future professional activities, a scenario that reaffirms the need for teacher training to reframe their educational practices, methodologies and knowledge in order to question the sports canons and design a Physical Education course that considers the multiple experiences and enhances the learning of everyone.

Keywords: Physical education; gender equity; teacher training; educational practice.

Recebido em: 10/9/2021

Aceito em: 4/11/2021

¹ Autora correspondente: Instituto Federal Farroupilha – Campus Frederico Westphalen. Linha 7 de Setembro, BR 386 – KM 40 s/n – Centro – CEP 98400-000. Frederico Westphalen/RS, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/5951306735617460>. <https://orcid.org/0000-0003-3600-8621>. myllencamargo22@gmail.com

² Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria/RS, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/0333589846842920>. <https://orcid.org/0000-0003-4998-1578>

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O investimento brasileiro na preparação de atletas para representar o país nos Jogos Olímpicos realizados em Tóquio em 2021, caiu 47% em relação à edição anterior³ e, como denunciou em redes sociais a atleta Formiga⁴, volante da seleção brasileira de futebol, persistiu a distribuição desigual de recursos entre mulheres e homens atletas. Pela primeira vez, entretanto, o país enviou uma delegação com um número mais equilibrado de competidores/as, o que se observou como um fenômeno em cascata na maioria dos países e seu efeito operou na identificação desta edição como a dos jogos da diversidade. Tal acepção ganhou força quando acompanhamos, via televisão e internet, o acendimento da pira olímpica por uma mulher tenista japonesa, negra e filha de imigrantes, e da edição com mais atletas LGBTQIA+⁵ na história das olimpíadas. Além disso, a Olimpíada foi palco para manifestações contra a sexualização dos corpos das mulheres no esporte, uma vez que algumas desafiaram o padrão das vestimentas reivindicando a possibilidade de escolher roupas mais confortáveis e adequadas à prática esportiva⁶. Vimos ainda, atletas manifestarem-se nas suas redes sociais em favor da diversidade e contra qualquer tipo de discriminação, ações que são possíveis em razão das lutas feministas que borram fronteiras geográficas e se multiplicam, principalmente no território digital.

O ativismo das mulheres nas redes sociais produz múltiplos efeitos, entre os quais destacamos a busca pela autonomia sobre seus corpos (BOGADO, 2018) e a multiplicação de denúncias de assédio (COSTA, 2018); efeitos esses que produziram um movimento que vem sendo chamado de a quarta onda feminista, uma vez que essa onda tem possibilitado um avanço e um engajamento singular sobre as discussões de gênero nas mais diferentes instâncias sociais (HOLLANDA, 2018).

Entendemos gênero como uma categoria analítica, como nos ensinou Scott (1995), coligada à perspectiva butleriana que propõe que os corpos performatizam gênero. Implodir a linearidade produzida entre sexo/gênero/sexualidade, desmonta a heterossexualidade e faz ruir a polarização entre masculinidade e feminilidade, permitindo que os sujeitos sejam entendidos como plurais. A autora aponta para os efeitos da discursividade na generificação dos corpos, os quais carecem de reiterada performatividade para serem materializados como homens ou como mulheres (BUTLER, 2000, 2016).

As reverberações desses movimentos ganharam repercussão mundial nas manifestações das mulheres e da população LGBTQIA+ no Jogos Olímpicos, mas não ficaram restritas ao âmbito global; impactaram e impactam a esfera local, especificamente, no curso de Educação Física – Licenciatura. Na última década pipocaram pesquisas mostrando que abordagens referentes às relações entre gênero e práticas corporais fazem

³ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-incentivo-ao-esporte-precisa-ir-alem-das-olimpiadas/>. Acesso em: 6 ago. 2021.

⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CR6pOU1rApg/>. Acesso em: 6 ago. 2021.

⁵ Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/jogos-olimpicos/jogos-da-diversidade-olimpiada-de-toquio-bate-recorde-de-atletas-lgbtqia,a4d79b1f25445cc0a2f650beb25e25e2gc3g08v2.html>. Acesso em: 6 ago. 2021.

⁶ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/jogos-olimpicos/2021-07-25/a-desculpa-feminina-nos-jogos-olimpicos-e-a-eterna-polemica-sobre-como-as-atletas-se-vestem-maquiam-e-penteiam.html>. Acesso em: 6 ago. 2021.

parte do currículo e das discussões em aula (PRADO, 2020; MORAES *et al.*, 2020; VO-SER, 2018). As aprendizagens acerca das relações de gênero, contudo, ainda são confusas e há uma lacuna entre aquilo que se aprende na Graduação e o que se encontra na prática profissional (VASCONCELOS; FERREIRA, 2020). A escassez dessas discussões produz múltiplos efeitos na atuação profissional em momentos em que o/a professor/a se mostra inseguro/a e despreparado/a para trabalhar com esses conhecimentos na escola (FREITAS; SOUZA JR., 2020); ou, ainda, quando não tenciona as concepções estereotipadas de gênero, reproduz práticas excludentes, não intervém em situações desiguais ou quando ensina o esporte com um viés fortemente competitivo direcionado ao resultado (MARTINS *et al.*, 2020).

Assim, a atuação de professores/as na Educação Física escolar acontece como um efeito do impacto da formação profissional, seja na reprodução dos conteúdos, práticas e/ou silenciamentos que ocorrem na formação docente. Muitas vezes os cursos que formam professores/as estão mais preocupados com a formação técnica do esporte do que com tencionar e transformar as desigualdades sociais (SILVA; QUEIRÓS, 2018). O tratamento pedagógico dos esportes restringe-se, muitas vezes, aos conhecimentos técnicos e de rendimento, incentiva uma formação para detectar capacidades e habilidades esportivas e pouco se interessa pelas relações desiguais entre homens e mulheres no esporte, produzindo uma perspectiva semelhante para os/as futuros/as professores/as (FP) (GRAU; FLINTOFF, 2012).

Uma pesquisa realizada em um curso de Educação Física – Licenciatura – que fez ouvir os/as estudantes, identificou que no decorrer da formação docente as características do cânone esportivo são reproduzidas, privilegiando a masculinidade dominante e as habilidades esportivas dos/as FPs (OLIVEIRA, 2020). Assim, torna-se fundamental construir práticas educativas alinhadas à equidade de gênero desde a formação docente, para que, desse modo, possa produzir efeitos no contexto escolar. Nota-se, entretanto, que há uma lacuna na produção científica que aponte estratégias para boas práticas educativas no que diz respeito às relações de gênero (PARRI; CECILIANI, 2019).

Por equidade de gênero na Educação Física entendemos, enquanto um conceito, que se diferencia de igualdade de oportunidades, pois este não garante a mesma forma de acesso às aprendizagens, tampouco resolve as desigualdades sociais e culturais que se apresentam no espaço educativo. Nesse sentido, considerar a equidade significa ir além e reconhecer que os pontos de partida de alunos e alunas são diferentes; deve-se repensar constantemente se as práticas educativas estão sendo justas e entender que adequar uma parte da aula não significa necessariamente garantir os mesmos direitos (BOTELHO-GOMES; SILVA; QUEIRÓS, 2000). É necessário, então, que os/as docentes formadores/as (DF) confirmem e corrijam a todo tempo “o programa oficial, os conteúdos, as actividades, os métodos de ensino, os equipamentos e as condições, com os quais e nas quais ensinam” (BOTELHO-GOMES; SILVA; QUEIRÓS, 2000, p. 43). Não obstante, constantes reflexões atreladas a ações que evitem a reprodução de estereótipos de gênero, revendo preconceitos, utilizando métodos de ensino dos esportes que focalizem a compreensão tática e ouvindo os/as estudantes, constituem-se em ações potentes para possibilitar a equidade de gênero na formação docente (PARRI; CECILIANI, 2019).

Assim, objetivamos explorar as possibilidades em produzir práticas educativas alinhadas com a equidade de gênero na formação docente, sobretudo nas disciplinas de esportes coletivos.

PERCURSOS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa⁷ utilizamos uma abordagem qualitativa, posto que considera o contexto pesquisado como princípio da investigação e interpretação, o qual está inserido em uma dada conjuntura política, social e cultural (CRESWELL, 2014) e, do tipo exploratória, porque busca aprimorar ideias e aprofundar o problema, analisando-o com a maior clareza possível (GIL, 2002).

A pesquisa foi realizada em curso de Educação Física – Licenciatura – de uma universidade federal do interior gaúcho brasileiro, especificamente nas disciplinas de basquetebol, voleibol, handebol e futebol. A amostra foi composta de 41 estudantes matriculados/as que aceitaram livremente participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As fontes de pesquisa foram produzidas entre os meses de novembro e dezembro de 2019. Primeiramente, contamos com a colaboração de 25 estudantes que, aleatoriamente, aceitaram o convite para participar, os/as quais foram divididos em 4 grupos focais, sendo um para cada disciplina (voleibol, futebol, basquetebol e handebol), quando privilegiamos a interação entre os/as participantes a partir de um roteiro de perguntas disparadoras (BARBOUR, 2009). Em seguida, entrevistamos 16 estudantes, entre os/as quais 11 responderam ao convite feito às turmas e 5 foram convidados intencionalmente, totalizando 4 sujeitos entrevistados em cada disciplina. As entrevistas seguiram um roteiro de perguntas semiestruturadas de modo a responder o objetivo da pesquisa, buscando capturar as experiências das/os participantes por meio do diálogo entre a pesquisadora e o/a participante (MARCONI; LAKATOS, 2003). Tanto as discussões realizadas nos grupos focais quanto as entrevistas, foram gravadas em um dispositivo digital, transcritas na íntegra e, posteriormente, encaminhadas aos/as participantes da pesquisa para aprovação do seu conteúdo. Para citar excertos dessas entrevistas neste artigo, atribuímos nomes fictícios aos/as participantes, buscando assegurar a preservação das suas identidades.

As fontes de pesquisa resultaram em 140 páginas digitadas, as quais foram organizadas com o apoio do *software* Nvivo12, cujo recurso auxiliou no manuseio e na organização do vasto material empírico, facilitando e agilizando o processo de compilação, decomposição e recomposição das categorias temáticas (YIN, 2016). O processo de codificação foi produzido a partir das orientações de Saldaña (2009), cujo primeiro ciclo exigiu uma leitura exaustiva dos documentos oriundos das entrevistas e grupos focais, resultando em códigos descritivos (palavras ou sentenças curtas) associados aos excertos desse material. No segundo ciclo nos debruçamos na reorganização dos códigos e trechos capturados de modo a condensar e resumir os achados a partir das suas linhas

⁷ O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFSM, número 18021219.2.0000.5346.

ou camadas de significação, considerando padrões e regularidades, resultando na produção das categorias temáticas que respondem aos objetivos do estudo.

Assim, esquadrinhando e explorando os debates entre estudantes e suas manifestações nas entrevistas acerca das possibilidades de emergência da equidade de gênero na formação e atuação profissional em Educação Física – Licenciatura, produzimos três categorias de análise, a saber: responsabilidades institucional e docente na produção da equidade de gênero; responsabilidade dos/as futuros/as professores/as na equidade de gênero; e perspectiva dos/as futuros/as professores/as acerca da equidade de gênero na escola.

RESPONSABILIDADES INSTITUCIONAL E DOCENTE NA PRODUÇÃO DA EQUIDADE DE GÊNERO

A imersão nas fontes de pesquisa possibilitou enxergarmos diferentes sugestões enunciadas pelos/as FPs, as quais movimentaram as discussões dos grupos focais e produziram inquietações nos/as entrevistados/as. Os resultados mostram que a instituição e os/as DFs do curso de Educação Física são apontados pelos/as FPs como os principais responsáveis pela promoção da equidade de gênero durante o processo formativo. As ações da instituição, a estrutura curricular, a didática e as metodologias empregadas pelos/as docentes das disciplinas de esportes coletivos, fizeram parte dos discursos dos/as FPs ao serem questionados/as sobre o que é possível fazer para que as relações entre eles/as na formação docente sejam mais equitativas. Os trechos a seguir indicam preocupação dos/as estudantes em relação ao que a instituição e o currículo promovem. Vejamos:

É que a gente deveria ter alguma cadeira [disciplina] aqui [...] sabe? que abordasse um pouco isso, pra gente saber até o que fazer, sabe? Porque eu não penso muitas alternativas; eu paro assim e não penso em muitas alternativas além de misturar todo mundo sabe? Porque às vezes [...] a gente tenta melhorar uma situação e acaba criando outra, e isso é bem complicado (Alana – Entrevista Basquete).

Reformulação curricular e várias coisas na verdade. [...]. Então, tipo se não tem uma reforma institucional, não tem uma reforma de ensino nem uma reforma da Educação Física. Não se tem o movimento renovador, não se tem um outro tipo de professorado, não se tem nada, se não partir primeiramente da instituição (Carlos – GF Basquete).

Talvez aqui no nosso centro seria mais palestras sobre isso, oficinas; oficinas bastante práticas né? Práxis (Laís – GF Voleibol).

O curso em que a pesquisa foi realizada tem uma disciplina⁸ curricular obrigatória que discute, entre outras questões, as relações de gênero na Educação Física. Observamos, contudo, que ainda não é suficiente, uma vez que essa questão deveria atravessar todas as disciplinas curriculares para produzir efeitos na prática pedagógica dos/as FPs. Outras instituições brasileiras que possuem poucas disciplinas que abordam gênero na

⁸ A disciplina é intitulada Antropologia do Movimento, cuja ementa menciona as relações entre cultura, gênero e Educação Física. Disponível em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/documento.html?id=8789263>. Acesso em: 6 ago. 2021.

Educação Física apresentam fragilidade, despreparo e dificuldades em tencionar esteótipos e reduzir práticas excludentes (ARAÚJO; DEVIDE, 2019).

Ao solicitarem a reformulação curricular com mais disciplinas e ofertas de palestras e oficinas sobre a temática em tela, é possível perceber que os/as estudantes desejam que a instituição, como um todo, esteja engajada na transformação das relações de gênero desiguais, e não acreditam que uma disciplina seja a única responsável. Esperam, assim, que a instituição avance, de fato, para perspectivas posteriores ao movimento renovador da Educação Física, ocorrido na década 80 do século 20 (BRACHT, 1999), de modo que possa sair do ensino puramente técnico dos conteúdos, baseado unicamente nas ciências biológicas (MANOEL, 2015), e incorpore práticas educativas alinhadas com as compreensões culturais do sujeito e do ensino dos esportes e da Educação Física (DAOLIO, 2015). Esta perspectiva, então, torna possível o início de um caminho comprometido com a equidade de gênero na formação docente, pois permite uma aproximação com os conhecimentos de que as aprendizagens esportivas são construídas por meio de oportunidades de movimento (GOELLNER, 2010).

No interior da responsabilidade institucional os/as docentes das disciplinas de esportes coletivos, *locus* da investigação, foram citados/as como os/as principais responsáveis em promover ações voltadas à equidade de gênero. Para que isso ocorra, os/as participantes enunciaram diferentes aspectos, que, juntos, constituem a didática⁹ do/a professor/a. Vejamos algumas sugestões dadas que podem ser incorporadas às aulas:

[...] Sobre essa questão, buscando a história e os direitos já, e já puxando pro esporte, pra Educação Física, vendo, não sei, botando alguns exemplos de atletas que conquistaram Olimpíadas e tal (Heloísa – Entrevista Futebol).

Eu acho que isso é uma questão mais voltada pra metodologia né? Do professor que tá regendo a disciplina né? É, por exemplo, nas aulas do (...), quando vai dar algum exemplo, ele sempre pega os gurus que sabem mais sabe? Obviamente. Tipo nunca solicita ajuda de alguma guria ou de alguém que tem dificuldade entende? Então acho que vai muito da questão do pensamento e da metodologia do professor realmente de proporcionar com que todos tenham uma atuação de igual pra igual sabe? Que abra espaço pra isso, que dê maior visibilidade pra isso né? (Soraia – Entrevista Handebol).

Os resultados oriundos dos grupos focais e entrevistas destacam a exposição de mulheres atletas que são ícones esportivos como uma estratégia importante para promover a equidade de gênero, uma vez que mulheres atletas são citadas como exemplo em aula, passando a fazer parte de um carrossel de inspirações para outras meninas e mulheres. Além disso, as alunas chamam a atenção para o fato de elas serem ignoradas pelos/as docentes quando alguém é requisitado para servir de modelo para a turma. Utilizar estratégias que visibilizem mulheres no decorrer das aulas, sejam elas atletas de renome ou alunas para servirem de exemplo, possibilita rachar a estrutura do esporte enquanto um espaço dos homens e, também, rompe com a ideia de uma representação

⁹ Entendemos didática no campo da Educação Física como “a organização dos conteúdos e procedimentos de ensino que toma corpo em situações de aprendizagem [...] que depende dos objetivos e das estratégias pedagógicas adotadas na disciplina considerada” (PARLEBAS, 2016, p. 113).

única de corpo feminino, estimulando novas formas e sentidos de viver as feminilidades (MARTINS *et al.*, 2020). Ao chamar somente os homens mais habilidosos para ocupar a posição de exemplo para um movimento na aula, acaba por reforçar o esporte enquanto um lugar de expressão da masculinidade dominante (BRITO; SANTOS, 2013).

As fontes de pesquisa também enunciam intervenções a serem realizadas durante as aulas e que servem para potencializar as aprendizagens de todos/as. Vejamos:

Isso, esses de passar a bola, de passar pra todo mundo, o ponto só valer se teve interação tanto das gurias quanto dos guris acho que é uma boa também (Alice – Entrevista Voleibol).

Eu acho que a gente, primeiro, a gente pode começar, como eu falei, fazendo times mistos, como é jogos coletivos, times mistos e dando oportunidades pras mulheres, oportunidades para os homens também entendeu? [...]. (Alana – Entrevista Basquete).

[...] parar o jogo pra falar “ah vocês não tão passando a bola pras meninas”. [...]. Acho que seria importante que os professores pudessem comentar e fazer um debate com a turma sobre a questão de igualdade de gênero (Heloísa – Entrevista).

Ou mesmo o professor entender o porquê não quer participar né? Saber se adaptar à situação e não “vai lá jogar” ou “tá, fica aí” (Rael – GF Futebol).

As estratégias para a inclusão de todos/as nas atividades propostas, os procedimentos para alcançar os objetivos esportivos como a forma para atingir a meta e manter a posse de bola e o cuidado para formar as equipes de modo misto com homens e mulheres, são fundamentais, mas não são suficientes porque por si só não resolvem as desigualdades. É necessário que o/a docente esteja atento/a para identificá-las durante os jogos e não incentivar o silêncio que contribui para a perpetuação dessa realidade, mas discutir sobre as relações de gênero que emergem. Práticas educativas, alinhadas com essas perspectivas, emergem a partir de um modelo coeducativo, o qual exige refletir crítica e constantemente sobre elas (BOTELHO-GOMES; SILVA; QUEIRÓS, 2000).

Nesse caminho, um estudo que contou com a participação de diversos países europeus e norte-americanos traz que é preciso diminuir injustiças na formação docente em Educação Física, começando por reconhecer as desigualdades e entender que os/as estudantes devem ser tratados nas suas diferenças (HILL *et al.*, 2018). Em contraponto, o silenciamento docente contribui para o afastamento de determinados/as estudantes, hierarquiza identidades e privilegia aquelas que se enquadram na heteronormatividade, ação que exige a atuação docente de modo democrático (GARCIA; BRITO, 2018).

Outro ponto relevante, enunciado pelos/as FPs, é a forma como é realizada a avaliação das disciplinas centrada no produto do rendimento esportivo. Como alternativa, propõem avaliar os processos de aprendizagens, requisito que se configura como uma importante ação para considerar os saberes produzidos por todos e todas:

Eu acho que a questão de evolução e resultado, sabe? Pegar um antes e depois. [...] por exemplo, chega na prova prática ali, eu não tenho o domínio do drible, aí erro e 5: exame. É ruim, é horrível. Aí pega pelo outro lado, “ah ele chegou do zero, não sabia nada, e olha o tanto que ele evoluiu, ele não consegue jogar a bola longe, mas evoluiu” (Luiz – GF Handebol).

Esses excertos mostram que os/as FPs rejeitam uma avaliação baseada no desempenho esportivo e afirmam a potencialidade das avaliações diagnóstica e formativa. A avaliação diagnóstica é fundamental para identificar o estado de conhecimento dos/as estudantes e é o primeiro passo para se distanciar de uma avaliação autoritária que os/as classifica (LUCKESI, 2002). A partir disso, a avaliação formativa ocupa a cena do processo de aprendizagem, identificando o progresso de cada estudante de modo singular (BOAS, 2001). Essas avaliações possibilitam a transformação social e estão alinhadas com a democracia, abandonando a seleção e a exclusão (LUCKESI, 2002; BOAS, 2001). Assim, realizá-las no curso de formação de professores/as de Educação Física significa estabelecer o compromisso com as transformações das relações de gênero, caminhando para a equidade entre os/as FPs, de modo que seus efeitos sejam observados nas suas práticas educativas escolares.

O modo como os saberes são produzidos no processo formativo é questionado pelos/as FPs. Eles mencionam que em um curso de Educação Física o foco não é formar atletas, mas forjar professores/as. Vejamos o exemplo de um excerto enunciado por uma FP:

[...] porque não é que tu tá num curso de EF que tu sabes jogar, obrigatoriamente, tu tá ali pra aprender e pra poder passar né? Sem contar que tu tá sendo um professor, tu tá aqui pra se formar um professor, não pra jogar um esporte. [...] Não pra ser um atleta, então acho que seria importante frisar essas questões de como transmitir o conhecimento para o aluno, e não se destacar como um atleta, um melhor da turma e focar na competição em si (Beatriz – Entrevista).

A competição nos esportes de rendimento, não raras vezes, constitui as aulas das disciplinas de esportes coletivos na formação inicial, e se torna um aspecto excludente na aquisição dos conhecimentos. Primeiro, porque não permite que todos/as aprendam a ensinar e adquirir conhecimentos e habilidades (BOTELHO-GOMES; SILVA; QUEIRÓS, 2000); segundo, porque a competitividade exacerbada e os valores que a acompanham são elementos de afirmação da masculinidade utilizados para justificar a presença única dos homens no campo esportivo (DEVIDE, 2005). Então, na formação docente somente alguns homens que exercitam essa masculinidade acessam os conhecimentos do conteúdo, enquanto a maioria das mulheres, e alguns homens, têm essas ricas oportunidades furtadas do seu carrossel de aprendizagens.

Os achados das fontes de pesquisa mostram que o curso de Licenciatura, em que essa investigação foi produzida, ainda possui muita proximidade com o ensino técnico dos conteúdos esportivos, e que os/as participantes reforçam a necessidade de repensar a formação de professores/as. Essa realidade aproxima-se de um estudo realizado na Noruega, em que os/as DFs possuem uma identidade profissional vinculada com a prática esportiva, aptidão física e desempenho físico, identificando-se como treinadores/as dos/as estudantes e posicionando os discursos em torno da área da educação, pedagogia e relações de gênero como pouco importantes ou restritos às disciplinas não esportivas (DOWLING, 2006). Não basta, entretanto, o curso de formação de professores/as de Educação Física promover o processo de aprendizagem apenas no ensinamento da dimensão técnica dos conteúdos; é necessário que as dimensões político-sociais e humanistas constituam a prática educativa (PAIXÃO *et al.*, 2018).

A partir desses diferentes fragmentos de fontes de pesquisa trazidos à luz do referencial teórico, percebemos que trabalhar com a promoção da equidade de gênero não é uma tarefa fácil, tampouco restringe-se a um ponto ou outro da aula. É necessário que a instituição, o currículo e os/as DFs responsáveis pelas disciplinas de esportes coletivos ressignifiquem suas práticas educativas, produzindo uma rede de ações que privilegie e amplie discussões sobre as relações de gênero, colocando em cena as abordagens pedagógicas críticas, atentando e destacando as relações desiguais que emergem nas aulas repetidamente, intervindo sempre que as práticas hierarquizem e classifiquem alunos/as, reduzindo a competitividade exacerbada, estimulando a formação de equipes mistas, recorrendo às avaliações não seletivas e excludentes e ensinando os conteúdos nas suas diferentes dimensões.

Na esteira dessas ideias, entendemos que os/as estudantes da formação inicial podem aprender a dimensão do/a ser professor/a e da sua implicação com a formação integral do ser humano nas suas futuras atuações profissionais. Para isso, é preciso que os/as FPs vivenciem aulas com procedimentos didático-pedagógicos equitativos, conheçam alternativas metodológicas, novas práticas educativas e, não obstante, que questionem os cânones esportivos excludentes que privilegiam os homens, ações que tornam possível caminhar rumo à equidade de gênero. Questionamo-nos, entretanto, se o engajamento da instituição e dos/as DFs são altamente suficientes para romper com as desigualdades que operam nas aulas e o que mais poderia contribuir para a equidade de gênero. Possíveis delineamentos sobre essas reflexões são encontrados nas discussões a seguir.

A RESPONSABILIDADE DOS/AS FUTUROS/AS PROFESSORES/AS NA EQUIDADE DE GÊNERO

Os resultados das entrevistas e dos grupos focais trazem discursos que posicionam a atuação dos/as FPs como fundamentais no processo de construção da equidade de gênero na formação inicial. Se a instituição, o currículo e os/as DFs precisam ressignificar suas metodologias e práticas educativas, os/as FPs podem acionar e/ou contribuir com a construção de novos saberes. Apresentam-se como agentes centrais no processo formativo compromissados com uma educação humana. Assim, emergiram enunciados que indicam ações que colaboram com a prática educativa alinhada com a equidade de gênero, partindo de si mesmos. Vejamos:

Olha, no final do semestre passado, as gurias, a gente já tava muito irritada com os guris, e a gente conversou com eles, mas não foi uma conversa só, foram vários dias repetindo. Eu acredito que a conversa seja um bom caminho de início assim, porque eu acredito que esse semestre já foi diferente pra gente, que a gente já conseguiu mais se integrar [...]. Eu acredito que pelo menos na nossa turma, um caminho foi a conversa (Maisa – Entrevista).

Por favor, não me entendam errado, não é uma crítica e eu entendo o porquê, mas creio que exista pouco e se ocorresse com mais frequência também poderia ser uma alteração nesse cenário, mas acho que pouco empoderamento por parte de quem não participa, de quem é escanteado. [...] Então acredito que não que deva ser o ideal, porque acho que tem outras formas de alcançar uma prática conjunta, mas é uma maneira de se existir essa participação (GF Futebol – Enzo).

Eu acho que, por exemplo, na nossa turma já tem bastante mulheres que impõem, mas eu acho que falta as outras se juntarem à gente, pra gente conseguir que seja 100% igual sabe? Porque tá melhorando, mas ainda não tá como a gente gostaria (GF Voleibol – Michele).

Entre as sugestões manifestadas, notamos que os/as FPs destacam o diálogo entre eles/as como um ponto de partida, como mostra o exemplo de uma estudante que relata que isso funcionou com sua turma. A situação ocorrida conduz-se como um “encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado” (FREIRE, 1987, p. 51). Neste encontro estabelecido pelo diálogo, **é necessário que a turma** reflita a realidade historicamente desigual de homens e mulheres no campo esportivo (DEVIDE, 2005), de modo que possam se distanciar dos estereótipos culturalmente produzidos, afirmados desde a Educação Física na escola (ALTMANN, 2015) e reproduzidos na formação docente. Assim, a ação coletiva é fundamental para transformar as relações desiguais vividas em aula.

Notamos, no entanto, que os enunciados priorizam a atuação das mulheres a partir do empoderamento que, conforme Berth (2019, p. 19), diz respeito a “um instrumento de transformação social” que passa por diferentes processos, entre os quais se destaca a tomada de consciência do lugar social e político que ocupa para conseguir produzir estratégias para enfrentar os sistemas de dominação e ir em busca da emancipação coletiva, saindo da posição de subalternidade. Ao encontro dessas ideias, a teorização de lugar de fala, discutida por Ribeiro (2017), possibilita questionar conhecimentos universais e hierárquicos a partir do rompimento daquilo que mais limita a transformação do sujeito – o silêncio. Ao existir a voz de sujeitos historicamente discriminados, potencializa a produção de outros saberes que esculpem um novo território. Os/as FPs, portanto, podem reconstruir relações de modo equitativo entre eles/as a partir do empoderamento e da existência das vozes daqueles/as que experienciam desigualdades.

Nesse caminho, as fontes de pesquisa enunciam que a percepção dos colegas homens na responsabilização pelo envolvimento na transformação das relações vividas em aula **é peça central**, como mostram os excertos a seguir:

Também é uma coisa meio complicada porque não adianta só o professor fazer alguma coisa, se os colegas não ajudam. Tão ali escutando, mas parece que entra aqui e sai ali, não faz questão de refletir, tentar mudar, e perceber as próprias ações pra ser diferente (GF Futebol – Bianca).

E também não só nós, mulheres; que os meninos também vejam que precisam mudar. Eu acho que é umas ações assim (GF Voleibol – Betina).

Esses excertos indicam que se antes os/as FPs apontavam a atuação dos/as DFs como o ponto central, agora salientam que isso não basta. É necessário que os colegas homens estejam engajados em transformar as relações e se reconheçam como produtores e reprodutores das desigualdades que acontecem na formação docente. Esse cenário mostra-nos que a formação de professores/as continua incorporando e fortalecendo a reprodução da masculinidade hegemônica, atuando na reafirmação de que é uma instância que [não só] estrutura as relações de gênero (WHITSON, 1990), como reforça e alimenta estereótipos. Os sujeitos que trabalham para manter a masculinida-

de hegemônica ponderam e garantem os seus privilégios, incluindo a exclusão de outros sujeitos que não a performam e negando outras formas de viver a masculinidade (CONNELL, 1990). Então, é preciso que os/as FPs reconheçam outras masculinidades, valorizando todas as performances de gênero e agindo na promoção da equidade no processo formativo para que todos e todas possam acessar os saberes que constituem o campo da Educação Física.

Nesse caminho, outro ponto importante que emergiu dos resultados da pesquisa e que não pode passar despercebido se refere à compreensão de que os/as DFs e os/as FPs têm saberes formativos diferentes. O excerto a seguir reconhece esse contraste e sugere possibilidade para transformá-lo. Vejamos:

É que, tipo, é difícil dizer, sabe? Porque cada professor tem um método diferente de dar aula e tipo, ele não vai mudar de uma hora pra outra. O que a gente pode fazer é dar um conselho, falar sobre isso sabe? Eu acho que é isso. E a gente, como futuros professores, a gente tem que saber entendeu? Que isso não pode existir, que a gente tem que saber incluir, coisas assim sabe? (Gabriela – Entrevista Handebol).

Os/As FPs compreendem que os/as DFs possuem suas formas de ensinar, resultado de uma formação continuada que se vê desafiada pela realidade em curso. Algumas dessas metodologias, porém, não possibilitam uma educação equitativa, pois conversam com a dimensão técnica dos conteúdos atrelada aos princípios de seleção, competição exacerbada e valorização do gesto técnico, cujas performances não acolhem a maioria dos/as discentes, mas, sim, excluem muitos/as estudantes.

Nessas ideias, vale salientar que para uma Educação Física promover a equidade de gênero não significa excluir as técnicas esportivas, mas considerá-las também pelas vias da criatividade e da expressividade, que resultam em movimentos singulares de cada sujeito (BOTELHO-GOMES; SILVA; QUEIRÓS, 2000), perspectiva que perpassa a compreensão do corpo enquanto produto social, cultural e histórico (GOELLNER, 2008). Se, contudo, os/as DFs não consideram os processos de ensino e aprendizagem nessas perspectivas, os/as FPs indicam a possibilidade de eles/as requisitarem e sugerirem aos/as DFs estratégias equitativas. Essas ações aproximam-se com a perspectiva de que o/a professor/a também aprende com o/a aluno/a, e isso é possível a partir do afastamento do/a DF de uma concepção de educação tradicional sustentada na mera transmissão e acumulação dos conhecimentos e, ao mesmo tempo, na aproximação de uma compreensão de que o/a aluno/a é também um produtor de saberes (CANARIO, 2006). Os/as DFs e os/as FPs devem estar concomitante e mutuamente envolvidos/as numa constante aprendizagem.

A partir das análises realizadas, o cenário que se apresenta na formação docente diz muito sobre as ações que serão exercidas pelos sujeitos envolvidos no processo formativo. Nesta pesquisa, a tomada de consciência pelos/as FPs, a coexistência das diferentes vozes, o empoderamento das mulheres, a sensibilização pela realidade dos/as colegas e a compreensão de que a aprendizagem ocorre reciprocamente entre professor/a e aluno/a, despontam como ações potentes para ressignificar o encontro pedagógico de aulas apoiadas na equidade de gênero. Para tal, é necessário que homens e mulheres estejam engajados/as nessa perspectiva, valorizando o enriquecimento de

experiências e a aquisição de saberes no campo da Educação Física, cujos efeitos serão percebidos em práticas educativas escolares potencialmente equitativas em atuação profissional futura.

A PERSPECTIVA DOS/AS FUTUROS/AS PROFESSORES/AS ACERCA DA EQUIDADE DE GÊNERO NA ESCOLA

Durante a produção das fontes de pesquisa, os/as FPs enunciaram diferentes ações para promover a equidade de gênero na Educação Física escolar, *locus* de futura atuação profissional. Ao mesmo tempo, trazem suas intervenções pedagógicas realizadas durante o processo formativo, tanto nas disciplinas de estágios obrigatórios quanto em projetos de ensino e extensão promovidos no território escolar. Assim, procuramos perceber ações que os/as FPs, ainda inseridos/as na formação docente, entendem que potencializam a promoção da equidade de gênero. Vale salientar que qualquer ação enunciada pelos/as FPs se apresenta como um avanço na preocupação com as questões de gênero, em um cenário em que a formação docente pouco contribui para isso e que tem muito a avançar, como visto nas categorias anteriores. Veremos, portanto, a seguir, algumas ações para a escola enunciadas pelos/as FPs:

Ah, trabalhar sempre junto, não separar a turma nunca, por mais que tenha esses esportes que é homem e mulher separado, mas mesmo se for assim também; é que não tem o que fazer muito daí, porque é separado nesses jogos, mas minha aula acho que nunca dividir eles, nunca separar por menina e menino (Helena – Entrevista Basquete).

Eu penso, assim, que tem que haver uma distribuição igual de meninas e meninos nas aulas pra que todos possam participar e que haja respeito pelas diferenças (Maicon – Entrevista Futebol).

A rejeição em separar meninos e meninas nas aulas de Educação Física e distribuí-los/as igualmente nas atividades, perpassam grande parte das fontes de pesquisa e consideramos isso um avanço para a Educação Física, em uma disciplina que, por muito tempo, separou discursivamente [e efetivamente] meninos e meninas (DORNELLES, 2007). Essas ações aproximam-se das chamadas aulas mistas, em que meninos e meninas aprendem no mesmo ambiente sem polarizações (JESUS; DEVIDE; VOTRE, 2008). Estudos indicam, no entanto, que isso não é suficiente para superar as desigualdades e envolver todos e todas nas aulas (DUARTE; MOURÃO, 2007; UCHOGA; ALTMANN, 2016). Em estudo realizado com o ultimate freesbee, esporte que possui como regra a participação mista de meninos e meninas, emergiram diferentes conflitos que requisitaram ao docente outras estratégias (SILVEIRA; DIAS, 2019). Além disso, reduzir o trabalho com a equidade de gênero na realização de aulas mistas pode produzir uma ilusão de que promover iguais oportunidades garante o acesso de todos/as aos conteúdos. Vale salientar, todavia, que a atenção dos/as FPs ao respeito e valorização pelas diferenças dos/as estudantes constitui-se como um princípio fundamental para viabilizar a equidade (BOTELHO-GOMES; SILVA; QUEIRÓS, 2000).

Nesse caminho, observamos outras possibilidades menos frequentes nas fontes de pesquisa, mas que os/as FPs entendem como alternativas para promover a equidade de gênero na escola, indo além da formação mista e distribuição igual nas atividades. Vejamos:

Tá. Buscando da parte teórica né? Estudando e debatendo em aula e partindo pra parte prática também, fazendo alguns jogos tanto de vôlei, futebol e trabalhando mais com brincadeiras, parte com atividades lúdicas também, que dá pra trabalhar juntamente com as meninas e os meninos (Antônia – Entrevista Handebol).

Eu tento sempre buscar as aulas, pra fazer as aulas nos coletivos, nunca tipo o esporte na essência mesmo, sempre vir com esses pré-desportivos, jogar. Ah! tem essas coisas que eu não sei se é certo ou errado, mas é a única que eu encontro pelo menos, de fazer time misto, de fazer os jogos adaptados, os pré-desportivos e de fazer aquelas coisas de passar por todo mundo a bola (Cristiane – Entrevista Futebol).

Apareceu uma questão dessas na última vez que a gente fez a visita na escola, quando a gente levou a atividade sobre o futsal, né? Era uma turma de 7º ano, a gente explicou a atividade que seria minijogos adaptados pro futsal, e chegando na quadra uma das meninas nos abordou e perguntou se ela poderia participar apenas dos minijogos porque ela não gostaria muito de participar do futsal, porque diz ela que não tem habilidade suficiente para participar com os outros colegas. E aí a gente falou, “não, mas não vai ser o futsal que vocês tão acostumados, vai ser diferente, então todo mundo pode participar”. Ao longo da atividade ela participou e entrou junto na brincadeira, então acho que ela aproveitou bem (Luana – GF Futebol).

Essas enunciações demonstram maior preocupação com as relações de gênero em aulas de Educação Física. Os caminhos que os/as FPs compreendem que sejam mais adequados se referem à adaptação do esporte e de suas regras, atividades lúdicas que fogem da competitividade e outras metodologias de ensino de esportes coletivos. Os/As FPs demonstram preocupação em se distanciar do esporte tal como é apresentado e realizado nos meios de comunicação em massa, considerando que, a partir desse afastamento, é possível incluir meninos e meninas. Em estudo argentino, os/as FPs que estão mais avançados no curso de formação docente entendem que o ensino do esporte na escola não deva receber o mesmo tratamento do esporte competitivo ensinado em clubes, pois os objetivos são diferentes (CAMPOMAR *et al.*, 2020).

As habilidades esportivas, comumente, são alvo de preocupações pelos/as diferentes atores/as envolvidos/as no processo educativo. Isso porque são elas que, muitas vezes, definem a participação dos/as alunos/as nas aulas e operam como limitantes na atuação da maioria das meninas e alguns meninos (OLIVEIRA; JAEGER; ROTH, 2019). Um estudo brasileiro mostrou que um professor adaptou as regras de esportes e jogos para quem possui menos habilidades ser valorizado/a e desenvolvê-las mais facilmente, produzindo, assim, cenários que promoveram a equidade de gênero. Neste estudo, o professor pesquisado possui uma formação técnico-esportiva, mas, em decorrência dos enfrentamentos de sua atuação profissional, interessou-se e buscou formas para trabalhar com a equidade de gênero (GODOI; BORGES; AYOUB, 2021). Nesse caminho, as experiências docentes tornam-se fundamentais, pois contribuem para que construam constantemente saberes e estratégias a fim de solucionar as dificuldades que emergem no trabalho docente (ABRÃO, BAYSDORF, 2013).

Alternativas que operam no sentido de potencializar as aprendizagens dos esportes, priorizam o entendimento tático do jogo sem evidenciar as diferenças de habilidades esportivas dos/as estudantes, recorrendo às múltiplas metodologias que podem

ser recrutadas para o ensino dos esportes coletivos. Nas fontes de pesquisa despontam apenas os minijogos ou jogos condicionados que possibilitam uma participação mais efetiva dos/as alunos/as (BALZANO, 2007). Outros exemplos são o *Teaching Games for Understanding*¹⁰ e o *Sport Education*¹¹. Um estudo brasileiro identificou, porém, que a utilização dessas metodologias não foi suficiente para que as meninas aprendessem os conteúdos, pois a dominação e poder exercidos pelos colegas sobressaíram-se aos aspectos de aprendizagens técnico-táticas. Os princípios da coeducação, portanto, devem estar alinhados com as preocupações relacionadas às metodologias de ensino dos esportes coletivos para potencializar, de fato, as aprendizagens de todos/as (MALVAR; SOUZA JR., 2021).

Nesse caminho, um enunciado refere-se ao envolvimento de todos e todas nas diferentes atuações que compõem o esporte, e aponta como uma possibilidade para as aprendizagens do conteúdo serem mais efetivas. Vejamos:

[...] os guris de imediato já excluem “porque tu não sabe jogar”, sem ter visto as colegas jogarem. Exemplo disso é que os meus colegas comentaram esses tempos a respeito do Pibid, que as gurias gostavam muito de jogar, só que os guris nunca deixavam, e aí um dia eles fizeram um planejamento no qual eles tiveram que jogar entre todos sem essa exclusão, e os guris observaram que tinham colegas muito boas! Algumas inclusive melhores do que eles na atuação ali do jogo. Então eu acho que é possibilitar, por mais que elas não gostem [...] ou planejar alguma coisa, tipo “ah agora tu apita ou agora tu ataca ou agora tu fica em tal posição”; enfim, pensar maneiras com que todas participem de fato do jogo. Não precisa ser necessariamente jogando entendeu? Mas entender as outras posições também e abordar questões que as mulheres podem ter atuação né? Tanto quanto árbitra ou juíza, enfim né? Então eu acho que colocar pra jogar mesmo (Camila – Entrevista Handebol).

Durante o processo formativo, os/as FPs percebem situações de exclusão das meninas nas aulas e realizam uma estratégia de ensino que contribui para que os/as alunos/as compreendam o esporte não apenas pelo caráter técnico instrumental, mas enquanto um fenômeno esportivo (CARLAN; KUNZ; FENSTERSEIFER, 2012), possibilitando um envolvimento mais efetivo de todos/as ao oportunizar diferentes atuações que constituem o esporte. Para isso, é preciso que o/a professor/a não deixe de ensinar os conteúdos esportivos pela via da técnica, táticas, sistemas de jogos, posições que jogadores/as ocupam, mas que os/as envolvam em outras funções, como a comissão técnica, a arbitragem, a cobertura midiática. Ao fazer isso, o/a docente possibilita que todos e todas se envolvam no processo educativo, independente das habilidades motoras, de modo que a atuação não se restrinja ao exercício de um papel secundário no jogo (GONZÁLEZ; FRAGA, 2012). Essas perspectivas potencializam o trabalho comprometido

¹⁰ *Teaching Games for Understanding* (TGFU) refere-se a um modelo de ensino que tem o/a aluno/a como centro do processo de ensino e aprendizagem e é estruturado por princípios graduais que enfocam a compreensão da lógica interna do jogo e a consciência tática (CLEMENTE, 2012).

¹¹ *Sport Education* é uma proposta que objetiva tratar a competição dos esportes de modo educativo, propondo uma unidade didática que trabalhe com o esporte a partir de suas características institucionalizadas, como a temporada, filiação, cronograma de jogos de campeonato, registro do desempenho, festividade e evento culminante (GONZÁLEZ, 2014).

com a equidade de gênero ao envolver todos/as nessas diferentes funções. É preciso atentar, contudo, que todos e todas vivenciem essas práticas de modo a se certificar que os conteúdos propostos são apreendidos.

Além das possibilidades que os/as FPs julgam como viáveis para o contexto de suas futuras atuações profissionais, também posicionam a equidade de gênero como um projeto de sociedade, quando os efeitos das mudanças constituem um carrossel de possibilidades, numa relação mútua, como enuncia o excerto a seguir:

Eu acho, se a gente, como professor, mudar essa visão que surge de gênero dentro das escolas, talvez quando eles forem pra outro ambiente, como uma faculdade, eles não percam dois ou três semestres como a gente perdeu pra tentar entender isso e pra poder se unir, porque a gente poderia desde o primeiro semestre a turma ser diferente, e ter evoluído muito mais desde o primeiro semestre e não ter esperado três, quatro semestres pra poder ter essa percepção no mundo de gênero (Miguel – GF Voleibol).

Os/As FPs demonstram preocupação em modificar o cenário escolar, ressignificando suas práticas educativas nos momentos que forem atuar enquanto professores/as. Mais que isso, entendem que a transformação das relações entre os sujeitos durante o período escolar para vínculos mais equitativos, produzirão efeitos na formação docente quando os/as mesmos/as ingressarem em cursos de Educação Física, cujos feitos serão observados também na futura atuação profissional, construindo uma rede de relações e saberes baseada na equidade de gênero. Espera-se, portanto, que os/as FPs fomentem as discussões de gênero em seus contextos de atuação, de modo que façam parte dos conteúdos, dos currículos escolares e das diretrizes pedagógicas, envolvendo não somente os/as educandos/as, mas toda a comunidade escolar (TORRADA; RIBEIRO; RIZZA, 2020), para que, assim, a escola e a formação docente possam caminhar juntas para alavancar uma sociedade arquitetada e ancorada na equidade de gênero.

A partir das análises realizadas, é notório que os/as FPs participantes desta investigação manifestam preocupações para promover a equidade de gênero na Educação Física escolar, mas as ações contidas nas fontes de pesquisa mostram que eles/as ainda estão pouco preparados/as para isso, pois algumas iniciativas foram mais salientadas que outras, como a formação de aulas mistas, ação que é um ponto de partida, mas quando tomada como alternativa única, não é suficiente. Isso ocorre porque, como visto anteriormente, a formação docente pouco prepara os/as FPs para trabalhar nessa perspectiva.

Além disso, outras enunciações, como a adaptação das regras esportivas e a utilização de metodologias de ensino e estratégias pedagógicas que ensinem os esportes além do caráter técnico instrumental, apresentam-se como possíveis para a promoção da equidade de gênero na escola. Quando isoladas, todavia, pouco resolvem as desigualdades de gênero. Assim, para que todos/as os/as FPs sejam mais instruídos e construam práticas educativas alinhadas com a equidade de gênero, é preciso que a formação docente também o faça, produzindo um movimento equitativo entre diferentes instâncias educacionais, de modo a potencializar os mesmos direitos e aprendizagens entre os sujeitos envolvidos no processo educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exame das fontes de pesquisa, associado ao ferramental teórico, permitiu-nos identificar múltiplas possibilidades de produção de práticas educativas alinhadas à equidade de gênero na formação docente. As análises sugerem, contudo, que é uma tarefa, no mínimo, complexa. Os enunciados capturados posicionam a reformulação curricular e o engajamento da instituição e dos/as DFs responsáveis pelas disciplinas de esportes coletivos como sujeitos centrais na produção de ações que sejam justas a todos/as. Também, no decorrer das análises, identificamos que os/as FPs agem como fundamentais nesse processo, pois atuam como dispositivos na produção de saberes, de modo que os/as envolvidos/as no processo formativo possam construir alianças que contribuam para essa perspectiva. Os/as FPs enunciam, no entanto, múltiplas preocupações para produzir ações equitativas em suas futuras atuações profissionais e, ao mesmo tempo, demonstram fragilidades, as quais são efeitos da formação docente que ainda pouco prepara para promover a equidade de gênero na escola.

O fomento dessas ações recruta esforços que não podem estar restritos à acontecimentos, como um momento da aula, uma estratégia pedagógica ou uma escolha metodológica de ensino do conteúdo esportivo; é imprescindível muito mais. É imperativo produzir uma estrutura didático-pedagógica ancorada em princípios equitativos forjados no currículo que ampara o processo formativo. Que os/as DFs não se restrinjam a oferecer iguais oportunidades a todos/as, mas que, a partir da identificação das experiências singulares dos/as os/as estudantes, entendam que cada um/a precisa ser valorizado/a, garantindo os mesmos direitos e aprendizagens a todos/as. Constituir esse cenário na formação docente produzirá efeitos nas futuras atuações profissionais dos/as FPs, cujos saberes conduzirão às práticas educativas potencialmente equânimes, tornando possíveis as aprendizagens esportivas de todos/as.

Por fim, destacamos que os discursos emergidos das fontes de pesquisa afirmam e reafirmam a necessidade de a formação docente repensar, refletir e ressignificar suas práticas educativas, metodologias e saberes, produzindo ferramentas para questionar os cânones esportivos e as assimetrias entre homens e mulheres, além de arquitetar uma Educação Física que considere as múltiplas experiências e trabalhe no desenvolvimento das aprendizagens de todos e todas. Deseja-se, sobretudo, que a formação docente e a Educação Física escolar possam constituir-se mutuamente, compreendendo a sociedade como plural e contribuindo para que seja mais democrática e humana nas mais diferentes instâncias sociais.

REFERÊNCIAS

- ABRÃO, Kelber Ruhena; BAYSDORF, Grace Coswig. O trabalho docente do professor de Educação Física em escolas com diferentes fatores socioeconômicos e demográficos: estratégias e saberes construídos. *Contexto & Educação*, Ijuí, v. 28, n. 91, p. 37-57, 2013.
- ALTMANN, Helena. *Educação física escolar: relações de gênero em jogo*. São Paulo: Cortez, 2015.
- ARAÚJO, Ana Beatriz Carvalho de; DEVIDE, Fabiano Pries. “Gênero” e “Sexualidade” na formação em Educação Física: uma análise dos cursos de licenciatura das instituições de ensino superior públicas do Rio de Janeiro. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 25-41, 2019.
- BALZANO, Otávio Nogueira. *Metodologia dos jogos condicionados para o futsal e Educação Física escolar*. Várzea Paulista: Fontoura, 2007.

- BARBOUR, Rosaline. *Grupos focais*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Pólen, 2019.
- BOAS, Benigna Maria de Freitas Villas. Avaliação formativa e formação de professores: ainda um desafio. *Linhas Críticas*, Brasília, v. 12, n. 22, p. 159-180, 2001.
- BOGADO, Maria. Rua. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 23-42.
- BOTELHO-GOMES, Paula Brandão; SILVA, Paula; QUEIRÓS, Paula. *Equidade na educação, educação física e desporto*. Oeiras: Associação Portuguesa A Mulher e o Desporto, 2000.
- BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. *Cadernos Cedes*, v. 19, n. 48, p. 69-88, 1999.
- BRITO, Leandro Teófilo de; SANTOS, Mônica Pereira dos. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 235-246, 2013.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-167.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CARLAN, Paulo; KUNZ, Elenor; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. O esporte como conteúdo da Educação Física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica “inovadora”. *Movimento*, Porto Alegre, v. 18, n. 4, p. 55-75, 2012.
- CAMPOMAR, Gloria del Carmen; ZIMMERMAN, Mario Andrés; FULUGONIO, Julia; AÑASCO, Alejandro. “Você não... nessa posição, sim ou sim, um homem”: representações em torno do gênero e intervenção docente na formação. *Educação & Formação*, Fortaleza, v. 5, n. 14, p. 17-35, 2020.
- CANARIO, Rui. *A escola tem futuro? Das promessas às incertezas*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CLEMENTE, Filipe Manuel. Princípios Pedagógicos dos Teaching Games for Understanding e da Pedagogia Não-Linear no Ensino da Educação Física. *Movimento*, v. 18, n. 2, p. 315-335, 2012.
- CONNELL, Robert W. An iron man: the body and some contradictions of hegemonic masculinity. In: MESSNER, Michael A.; SABO, Donald F. *Sport, men, and the gender order: critical feminist perspectives*. Usa: Human Kinetics, 1990. p. 83-96.
- COSTA, Cristiane. Rede. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 43-60.
- CRESWELL, John W. *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. Porto Alegre: Penso, 2014.
- DAOLIO, Jocimar. Educação Física e pesquisa sociocultural. In: STIGGER, Marco Paulo. *Educação Física + Humanas*. Campinas: Autores Associados, 2015. p. 111-128.
- DEVIDE, Fabiano Pries. *Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos*. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- DUARTE, Catia Pereira; MOURÃO, Ludmila. Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de Educação Física. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 37-56, 2007.
- DORNELLES, Priscila Gomes. *Distintos destinos? A separação entre meninos e meninas na Educação Física escolar na perspectiva de Gênero*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- DOWLING, Fiona. Physical education teacher educators professional identities, continuing professional development and the issue of gender equality. *Physical Education & Sport Pedagogy*, v. 11, n. 3, p. 247-263, 2006.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREITAS, Milena de Bem Zavanella; SOUZA JR., Osmar Moreira de. Gênero, sexualidade e Educação Física: formação e prática docente. *Motricidades*, São Carlos, v. 4, n. 3, p. 217-230, 2020.
- GARCIA, Rafael Marques; BRITO, Leandro Teófilo de. Performatizações queer na educação física escolar. *Movimento*, v. 24, n. 4, p. 1.321-1.314, 2018.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

- GODOI, Marcos; BORGES, Cecilia; AYOUB, Eliana. Equidade de gênero nas aulas de um professor de Educação Física: um estudo de caso. *Educación Física y Ciencia*, v. 23, n. 1, p. 1-15, 2021.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 30-42.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. *Cadernos de Formação RBCE*, p. 71-83, 2010.
- GONZÁLEZ, Fernando Jaime. O ensino dos esportes. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. *Esportes de invasão: basquetebol, futebol, futsal, handebol, ultimate frisbee*. Maringá: Eduem, 2014. p. 29-60.
- GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FRAGA, Alex Branco. *Afazer da educação física na escola: planejar, ensinar, compartilhar*. Erechim: Edelbra, 2012.
- GRAU, María Prat; FLINTOFF, Anne. Tomando el pulso a la perspectiva de género: un estudio de caso en una institución universitaria de formación de profesorado de educación física. *Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, v. 15, n. 3, p. 69-83, 2012.
- HILL, Joanne; PHILPOT, Rod; WALTON-FISETTE, Jennifer L.; SUTHERLAND, Sue; FLEMONS, Michelle; OVENS, Alan; PHILLIPS, Sharon; FLORY, Sara B. Conceptualising social justice and sociocultural issues within physical education teacher education: international perspectives. *Physical Education And Sport Pedagogy*, v. 23, n. 5, p. 469-483, 2018.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- JESUS, Mauro Louzada de; DEVIDE, Fabiano Pries; VOTRE, Sebastião. Apresentação e análise de trabalhos acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física escolar. *Movimento*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 83-98, 2008.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- MALVAR, Antonio Jorge Martins; SOUZA JR., Osmar Moreira de. “E a gente teve que aprender a conviver”: meninas e futsal escolar. *Motricidades*, v. 5, n. 1, p. 106-122, 2021.
- MANOEL, Edison de J. Natureza//cultura; natureza x cultura; natureza ~ cultura: o conceito de desenvolvimento na constituição da Educação Física na escola. In: STIGGER, Marco Paulo. *Educação Física + Humanas*. Campinas: Autores Associados, 2015. p. 23-64.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARTINS, Mariana Zuaneti; LAURINDO, Vinnicius Camargo de Souza; SILVA, Bruna Saurin; AZEVEDO, Herlen; OLIVEIRA, Daiane. As meninas não querem jogar? Uma revisão sobre aspectos didático-metodológicos na educação esportiva de meninas. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 11, n. 1, p. 44-57, 2020.
- MORAES, Paulo Mateus de; NEVES, Luciene; CARVALHO, Luciene Rodrigues de; AMANCIO, Elisa Nunes; SANTOS, Yessa Enelin Antonia da Silva. Direitos humanos e gênero: possíveis articulações para formação de professorxs. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 11, n. 1, p. 81-91, 2020.
- OLIVEIRA, Myllena Camargo de; JAEGER, Angelita Alice; Vanessa Juliane da Silva Roth. Estereótipos de gênero e Educação Física: diálogos com estudantes de ensino médio. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 75-96, 2019.
- OLIVEIRA, Myllena Camargo de. *Relações de gênero, poder e resistência na formação inicial de professoras/as de Educação Física*. 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2020.
- PAIXÃO, Jairo Antônio; SOUZA, Ederley Emanuel; SOUSA, Jefferson Teixeira; DELLA LUCIA, Emanuel Mattos. A prática do bom professor na formação inicial: uma análise na perspectiva de acadêmicos do curso de licenciatura em Educação Física. *Pensar a Prática*, v. 21, n. 4, p. 751-760, 2018.
- PARLEBAS, Pierre. Didática e lógica interna dos jogos e esportes. In: KUNZ, Elenor. *Didática da Educação Física 4: Educação Física e esportes na escola*. Ijuí: Editora Unijuí, 2016. p. 109-128.
- PARRI, Monica; CECILIANI, Andrea. Best practice in P.E. for gender equity: a review. *Journal of Physical Education and Sport*, v. 19, n. 5, p. 1.943-1.952, 2019.

- PRADO, Vagner Matias do. Gêneros e sexualidades na formação inicial em educação física: experiência docente em uma universidade pública. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 11, n. 1, p. 58-69, 2020.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.
- SALDAÑA, Johnny. *The coding manual for qualitative researchers*. London: Sage, 2009.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.
- SILVA, Paula; QUEIRÓS, Paula. Fixar as questões de gênero no projeto de identidade profissional de professores e professoras. In: CONSTANTINO, José Manuel; MACHADO, Maria. *Desporto, gênero e sexualidade*. Lisboa: Visão e Contextos, 2018.
- SILVEIRA, Ana Aparecida Tavares da; DIAS, Maria Aparecida. Repensando as relações de gênero nas vivências do ultimate frisbee na escola. *Motrivivência*, v. 31, n. 58, p. 1-15, 2019.
- TORRADA, Lara; RIBEIRO, Paula Regina Costa; RIZZA, Juliana Lapa. Estratégias de resistência possibilitando o debate de gênero e sexualidade na escola. *Revista Contexto & Educação*, v. 35, n. 111, p. 46-63, 2020.
- UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. Educação Física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 38, n. 2, p. 163-170, 2016.
- VASCONCELOS, Camila Midori Takemoto; FERREIRA, Lílian Aparecida. A formação de futur@s professor@s de Educação Física: reflexões sobre gênero e sexualidade. *Educação em Revista*, v. 36, p. 1-17, 2020.
- VOSER, Rogério da Cunha. *PIBID na educação física: uma proposta metodológica e práticas para o ensino do esporte na escola*. São Leopoldo: Oikos, 2018.
- WHITSON, David. Sport in the social construction of masculinity. In: MESSNER, Michael A.; SABO, Donald F. *Sport, men, and the gender order: critical feminist perspectives*. Champaign: Human Kinetics, 1990. p. 19-30.
- YIN, Robert K. *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Porto Alegre: Penso, 2016.